

## Uma escritora

Marilá Dardot não escreve.

Prefere atuar nas entrelinhas que já foram abertas pela literatura. Melhor que fundar uma literatura, é reagir à vida, de dentro dela. Melhor que construir uma cidade, é tentar alguma intimidade com os habitantes das que já existem. Melhor que moldar uma lua, é inventar uma NASA. Dardot atua, como artista, no branco que sobra do papel escrito, nos adjetivos cortados pelas revisões, nos instantes dos textos indicados à respiração, no parágrafo onde o escritor solta a mão do leitor e o abandona.

Ela conforta leitores abandonados.

Marilá Dardot se locomove no espaço das palavras. Para os espaços vazios e abertos, entre uma letra e outra, Dardot nos ensina a encolher a barriga, tomar cuidado com a ponta das serifas, deslizar o corpo e passar sem atrito pelos vãos; nos espaços preenchidos e ocupados por letras, Marilá Dardot aconselha-nos a projetar o corpo para a frente com cuidado, espremendo-se de encontro à grade de palavras, até a matéria do corpo se fundir à matéria das palavras e ultrapassá-las pelo ato de sê-las ao menos por um instante. Marilá Dardot aprendeu esta técnica, que nos disponibiliza em suas obras, com os fantasmas que ultrapassam paredes e, por isso, se divertem mais.

Quando nos convida para uma confraternização qualquer dentro da região literária onde vive, Dardot propõe que a encontremos por acaso ao perambularmos pelas obras que faz. É um jogo: sempre que a encontramos numa destas obras, Marilá Dardot de repente desaparece em nossa frente para, misteriosamente, reaparecer no próximo capítulo.

O livro que Marilá Dardot jamais escreverá já existe. Está espalhado nas milhares de páginas por onde a artista transita, pára, olha para trás e, em silêncio, nos joga um aceno. Talvez a artista não acredite num livro universal, coletivo, sendo escrito aos poucos. É bem provável que Dardot prefira acreditar numa realidade universal, coletiva, sendo vivida aos poucos, fadada a ilustrar as situações que existem dentro dos livros.

*– Conheci Marilá Dardot na Île de la Cité, em Paris. Os bouquinistes que nos rodeavam tinham sido avisados e nos espiavam, disfarçadamente.*

Fabio Morais  
Nono mês de 2007